



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura de atos da reunião plenária da 4ª Cúpula Brasil-União Europeia

Palácio Itamaraty, 14 de julho de 2010

_____ : Os jornalistas presentes farão agora duas perguntas. Passo a palavra à jornalista (incompreensível), do jornal Folha de São Paulo, para a primeira pergunta.

Jornalista: Boa tarde, Presidente. Boa tarde, senhores. O mundo está acompanhando nesses últimos dias a libertação de presos políticos pelo governo de Cuba, por intermédio da Igreja Católica e da Espanha. Presidente, eu gostaria de saber o que o senhor achou dessa decisão do governo de Cuba, e, também, já que o Brasil vem tentando atuar em intermediações de conflitos internacionais, se já se prevê aí uma chance, uma oportunidade de atuação, pela sua proximidade com os irmãos Castro. Outra questão é para o senhor Barroso, também, com relação à libertação dos presos.

Não sei se eu lhe peço desculpas, mas eu preciso fazer, mas é uma pergunta doméstica. Ontem, o senhor fez elogios à candidata Dilma em um evento do governo. Inclusive o senhor disse que não deveria citá-la, mas acabou citando. O senhor acha que está desafiando a legislação eleitoral com esse tipo de atitude? Obrigada.

Presidente: Antes de eu responder à pergunta sobre os presos de Cuba e a pergunta sobre a minha... o meu discurso de ontem, eu não queria perder a oportunidade, até por uma questão de gentileza e de companheirismo, de dizer que esta é a minha última reunião como Presidente do Brasil, em uma reunião Brasil-União Europeia. E, do fundo do coração, eu quero agradecer, tanto ao



companheiro Rompuy quanto ao Durão Barroso o carinho com que eu fui tratado durante esses oito anos que eu fui presidente do Brasil.

A verdade é que com a União Europeia nós tivemos muito mais afinidades do que divergências. Nós tivemos mais afinidades na conclusão da Rodada de Doha, quase nós chegamos lá, e a União Europeia estava com uma posição muito próxima à posição do Brasil. Nós estivemos muito próximos de fazer o acordo sobre o clima, em Copenhague, e a posição da União Europeia também estava muito mais próxima do que a posição do Brasil. Nós tivemos problemas, e vocês já sabem quais foram os problemas que nós tivemos. Mas nós estamos convencidos de que é possível União Europeia, Brasil e Mercosul, a gente trabalhar para chegarmos em Cancún, no dia 16 de dezembro, na COP-16 e, quem sabe, concluirmos um acordo sobre a questão do clima.

A Europa já tem a sua proposta, o Brasil já tem a sua proposta definida e transformada em projeto de lei. Portanto... Já é lei, na verdade. O que nós queremos é que todos os países evoluam para que a gente possa ter responsabilidade mais diferenciada, levando em conta o tempo que o país está industrializado, o tempo que ele emitiu gases de efeito estufa. Mas eu penso que União Europeia e Brasil estão muito mais próximos de concluir.

Embora eu não vá participar mais de nenhuma reunião entre União Europeia e Brasil, na nossa parceria estratégica, eu queria dizer que ainda vou participar de uma reunião entre o Brasil... entre a União Europeia e o Mercosul, porque eu vou assumir a presidência do Mercosul agora em julho, e tenho como tarefa tentar convencer a União Europeia a fazer um acordo com o Mercosul. E como o companheiro que tem dado mais trabalho é um grande amigo meu, que é o presidente Sarkozy, eu tenho a responsabilidade de tentar convencer o Sarkozy a flexibilizar o coração dos franceses e a gente fazer um acordo antes de eu terminar a Presidência, entre Mercosul e União Europeia. Eu penso que isso seria um avanço extraordinário.

Por último, eu queria dizer à imprensa brasileira que o que nós fizemos



hoje, aqui, não foi pouca coisa. Nós temos 21 grupos de trabalho que foram escolhidos a dedo pela União Europeia e pelo Brasil, que têm compromisso de trabalhar nas mais diferentes áreas. Vai da política energética à questão macroeconômica, a questão da (incompreensível) industrial e, também regulatórias, serviços financeiros, ciência e tecnologia, a questão do desarmamento e não-proliferação... É uma gama de assuntos extraordinária e que vai terminar com uma reunião que vamos ter, com empresários brasileiros e empresários da União Europeia.

Dizer, então, que eu estou muito satisfeito e acho que nós, hoje, assinamos um compromisso ainda mais forte, de tornar ainda mais realidade essa parceria estratégica União Europeia e Brasil.

Dito isso, eu gostaria de dizer à companheira que fez a pergunta que eu não tenho por hábito desafiar nem o mais humilde dos brasileiros, quanto mais desafiar uma legislação que nós mesmos criamos no Congresso Nacional. Eu, possivelmente, tenha cometido uma falha, e acho que era preciso que a gente não lembrasse, na citação do fato histórico, como aproveitamento de questão eleitoral. Eu fiquei quase que na obrigação moral de dizer que quem tinha começado a trabalhar na questão do trem-bala, a começar o projeto, a discutir, tinha sido a companheira Dilma. Possivelmente não devesse ser eu a ter falado, ter sido um outro companheiro, o Ministro dos Transportes, a Ministra da Casa Civil, um deputado. Mas o dado concreto é que vocês, como jornalistas, sabem que foi ela quem começou, foi ela quem trabalhou, foi ela quem organizou, foi ela quem fez todo o trabalho para que a gente pudesse, ontem, publicar o edital do trem-bala. Todo mundo sabe disso. Então, eu cometi um erro político e eu peço desculpas, mas a intenção era apenas fazer o reconhecimento histórico de quem trabalhou para concluir uma coisa. Porque agora fica muito fácil falar, mas há dois meses, as críticas que faziam à gente era de que não tinha empresa para participar, que Coreia não queria, que Japão não queria, que China não queria, que França não queria, que não sei



quem não queria... Pois bem, ontem, todos os embaixadores estavam lá, e todos queriam, e todos querem participar do processo de licitação do trem-bala que nós vamos fazer, ligando o Rio de Janeiro, ligando São Paulo e Campinas. Quando você vier assistir à Copa do Mundo, você já vai poder andar em um pedaço do trem-bala no Brasil.

E lembrar, também, o seguinte: não é apenas a Copa do Mundo. Em 2011, nós temos as Olimpíadas Militares, são mais de 6 mil atletas; em 2013, nós temos a Copa das Confederações; em 2014, nós temos a Copa do Mundo; em 2015, nós temos a Copa das Américas; em 2016, nós temos as Olimpíadas. Em 2017, o Brasil será a quinta economia do mundo e aí, sim, nós iremos ganhar a medalha que todos nós queremos ganhar.

Com relação aos presos de Cuba, eu fiquei tão feliz que os cubanos soltaram os presos, como eu fiquei feliz quando eu fui solto da cadeia, em maio de 1980. Eu fiquei feliz porque... eu tinha até um pássaro preto preso em uma gaiola, eu soltei, de tanta alegria que eu tinha, quando eu fui preso [solto]. E Deus queira que todos os países soltem presos que são considerados presos políticos, e parabéns à Igreja Católica da Espanha, parabéns ao governo cubano, e parabéns a todos que lutarem para liberar algum preso no mundo.

Nós acabamos de fazer com que houvesse a libertação de uma francesa que estava presa em Teerã. No mesmo dia, nós pedimos ao governo do Irã que levasse em conta a liberação de três americanos que estão presos lá, ou seja, e sempre que a gente puder, a gente vai pedindo. Agora, é importante lembrar que essas coisas, se a gente tentar fazer pirotecnia, a gente não libera e a gente agrava a situação de cada uma das pessoas.

_____ : Passo a palavra ao jornalista Raymond Colitt, da Agência Reuters, para a segunda e última pergunta.

Jornalista: Boa tarde, senhores. A minha pergunta é principalmente para o



presidente Durão Barroso. Eu queria retomar um assunto que o senhor levantou: as limitações comerciais entre a União Europeia e o Mercosul, que foram elencados em maio passado. Desde então, vimos, na Europa, protestos por agricultores, setores de meio ambiente, legisladores do Parlamento Europeu, que têm preocupações (incompreensível) condições de meio ambiente adequado. Por outro lado, o caso de briga entre a Argentina e a União Europeia, sobre importações de produtos agrícolas, que pode terminar na OMC.

A pergunta é a seguinte: existe, realmente, a vontade política para chegar a um acordo-marco, pelo menos evoluir para um (incompreensível), como objetivo este ano. E qual é a mensagem, senhor Lula, para os seus parceiros argentinos? E qual a mensagem, senhor Barroso, para os agricultores na Europa? Obrigado.

Presidente: Olhe, você sabe que até em Copa do Mundo eu sou muito otimista. Eu acreditava que o Brasil ia ganhar a Copa do Mundo até quando ele perdeu da Holanda. Mas eu estava acreditando que o Brasil ia ganhar.

Em acordo comercial eu também sou otimista. Veja, primeiro, eu acho normal que nós, governantes, enfrentemos, muitas vezes, o processo de pessoas que, dentro do nosso país, se sentem prejudicadas com algum produto que venha de fora. Vira e mexe, aqui, no Brasil, nós temos produtores de arroz brasileiros preocupados com o arroz que nós importamos do Uruguai. Muitas vezes, nós temos gente preocupada com o produto que nós importamos de outros países. E o governo existe exatamente para ir criando um equilíbrio entre os negociadores.

Veja, a companheira Cristina Kirchner, como presidente do Mercosul, eu vi o esforço que ela fez para que pudesse ser feito um acordo União Europeia e Mercosul ainda na governança dela e na governança do companheiro presidente José Luis Zapatero. Ou seja, não foi possível. Então, eu tenho



certeza que, com a mesma vontade que ela tinha, de fazer o acordo, ela vai apoiar a vontade que tem o Brasil de fazer esse acordo com a União Europeia.

Você sempre pode ter um ou outro setor da economia que não fique contente. Mas isso aqui não é um jogo de corporação, isso aqui é um jogo de nação, em que você tem que fazer os acordos pensando em beneficiar o conjunto da população. E os setores que possivelmente possam se sentir prejudicados, você tem que criar alguma coisa de compensação, para evitar que esse setor possa sucumbir, ou possa desaparecer. Ou seja, o que é importante é que as duas partes tenham vontade de negociar.

Eu conheço historicamente, antes do Sarkozy, antes do Chirac, antes de tantos presidentes franceses, eu conheço, historicamente, o peso que os agricultores franceses têm na política francesa. E tem que ser respeitado isso.

Então, o que nós precisamos é tentar convencê-los que o que o Brasil pode oferecer para eles são produtos baratos, mas produtos de muito boa qualidade, sem subsídios. E isso pode ser uma possibilidade de equiparar os preços entre nós e os produtos europeus.

Eu acho que nós poderemos chegar a um acordo. A maioria está favorável e eu, na verdade, tenho o compromisso de tentar, nesses próximos cinco meses, conversar com os companheiros franceses para ver se a gente firma o acordo.

(\$31DFGJLMP)